




TESSITURAS SOBRE O SEMINÁRIO INTERNACIONAL ‘GÊNEROS, SEXUALIDADES E EDUCAÇÃO NA ORDEM DO DIA - INTERSECCIONALIDADES EM (RE)EXISTÊNCIAS’

*TEXTURES ABOUT THE INTERNATIONAL SEMINAR 'GENRES, SEXUALITIES AND
EDUCATION ON THE AGENDA - INTERSECTIONALITIES IN (RE)EXISTENCES'*

 [0000-0001-9049-5200](#) Denize Sepulveda^A
 [0000-0002-4397-891X](#) Sara Wagner York^B
 [0000-0003-4206-358X](#) Renan Corrêa^C

^A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^B Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^C Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Recebido em: 02 jun. 2022 | Aceito em: 19 set. 2022

Correspondência: Denize Sepulveda (denizesepulveda@hotmail.com)

Resumo

O presente artigo tem como objetivo evidenciar o contexto no qual o "#2 Seminário Internacional Gêneros, Sexualidades e Educação na Ordem do Dia: Interseccionalidades em (Re) Existências", foi desenvolvido. Igualmente demonstra como xs coordenadorxs deste seminário tiveram a ideia de organizar o Dossiê Especial, com os resultados das apresentações das mesas de palestras e minicursos que ocorreram em agosto de 2021, durante a pandemia da COVID-19. A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta em espectro clínico infecções que variam de assintomáticas a quadros graves. Consideramos que o evento foi um acontecimento no sentido atribuído por Foucault, pois aconteceu como uma relação de forças no enfrentamento ao momento conservador que vivemos no Brasil. Podemos afirmar que esse seminário foi uma tática, ao modo como descrito por Michel de Certeau (2001) e, de acordo com Michel Foucault, de resistência. Segundo Certeau (2001), as táticas são gestadas em “maneiras de fazer” que se constituem em vitórias dos fracos sobre os mais fortes.

Palavras-chave: Seminário Internacional; Gêneros; Sexualidades.

Abstract

This article aims to highlight the context in which the "#2 International Seminar Genders, Sexualities and Education on the Order of the Day: Intersectionalities in (Re)Existences" was developed. It also demonstrates how the coordinators of this seminar had the idea of organizing the Special Dossier, with the results of the presentations of the lecture tables and mini-courses that took place in August 2021, during the COVID-19 pandemic. COVID-19 is a disease caused by the coronavirus, called SARS-CoV-2, which has a clinical spectrum of infections that range from asymptomatic to severe. We consider that the event was an event in the sense attributed by Foucault, as it happened as a relation of forces in the confrontation of the conservative moment that we live in Brazil. We can say that this seminar was a tactic, as described by Michel de Certeau (2001) and, according to Michel Foucault, of resistance. According to Certeau (2001), tactics are gestated in “ways of doing” that constitute victories of the weak over the stronger.



Keywords: International Seminar; Genres; Sexualities.

Introdução

Estávamos em 2016 em um evento em Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, mais precisamente no ‘4º Seminário Internacional de Educação e Sexualidade/2º Encontro Internacional de Estudos de Gênero’ na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), quando fomos instigadxsⁱ pelo coordenador geral do evento, professor Alexsandro Rodrigues, sobre a ausência de encontros no Estado do Rio de Janeiro em relação às temáticas de gêneros e sexualidades. Assim, fomos provocadxs sobre a produção de um seminário em nosso Estado.

A partir dessa colocação começamos a maturar a ideia de realizarmos um evento envolvendo essa temática. Em 2017 fizemos uma primeira reunião na Universidade Federal Fluminense (UFF). Na ocasião, convidamos docentes de diversas universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro, que estavam envolvidxs com pesquisas relativas ao tema, para darmos início a organização do seminário.

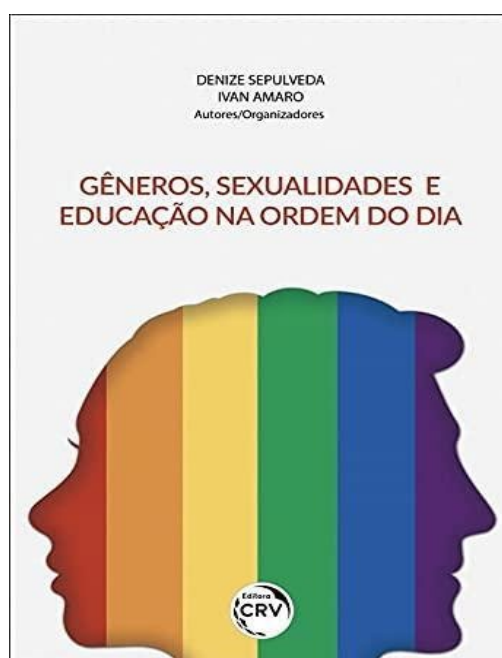
Em um primeiro momento, traçamos algumas metas para a realização desse primeiro evento na região metropolitana do Rio de Janeiro. Apesar da nossa organização, o planejamento não ocorreu da forma prevista. A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) passava por uma grande crise, uma vez que o Governo do Estado ficou sem pagar os salários dxs funcionárixs públicxs por aproximadamente quatro meses, além das bolsas estudantis. Esse cenário inviabilizou por completo a concretização dos nossos planos, visto que muitxs de nós somos funcionárixs e estudantes dessa instituição de ensino.

Para que todo aquele planejamento não se perdesse, xs professorxs Denize Sepulveda (UERJ/FFP) e Ivan Amaro (UERJ/FEBF), respectivamente coordenadorxs do ‘Grupo de Estudos e Pesquisa Gêneros, Sexualidades e Diferenças nos Vários *Espaços Tempos* da História e dos Cotidianos (GESDI)’ e do ‘Núcleo de Estudos e Pesquisas em Diferenças, Educação, Gênero e Sexualidade (NuDES)’, decidiram conjuntamente realizar um seminário interno no qual pesquisadorxs de ambos os grupos pudessem apresentar suas pesquisas em desenvolvimento no mesmo período. O evento aconteceu em 7 de dezembro de 2017, na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), e recebeu o nome de “I Seminário Interno NuDES/GESDI: gêneros, sexualidades e educação na ordem do dia”.

O objetivo geral do seminário foi o de possibilitar o encontro desses dois grupos de pesquisa, que estudam e pesquisam as questões de gêneros e sexualidades e que são atuantes em campos periféricos da Universidade do

Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Duque de Caxias e São Gonçalo. Também desejávamos melhor compreender o que as escolas têm produzido, a partir do silenciamento, do apagamento e da ocultação de diversas temáticas em seus cotidianos e em seus currículos, por isso é preciso perceber as motivações desses ocultamentos, as disputas que se instalam no epicentro contemporâneo e das interdições/atravessamentos pelas quais se submetem, principalmente, conhecimentos que envolvem os eixos relativos às diversas manifestações de sexualidades, as questões dos gêneros e aos preconceitos instalados e reforçados nas práticas pedagógicas nos cotidianos de nossas escolas e salas de aula. (SEPULVEDA & AMARO, 2018, p. 11)

Figura 1 – Capa do Livro, fruto do I Seminário Interno NuDES/GESDI



Como resultado desse evento, organizamos um livro com artigos de todxs que apresentaram suas pesquisas, o qual se tornou um buscador efetivo e um arquivo produzido.

(...) é importante mencionar que o processo de produção deste livro foi tecido a partir do encontro de preocupações, reflexões e experiências comuns ou fortemente semelhantes entre o NuDES e o GESDI. Assim xs organizadorxs da obra – professora dr^a Denize Sepulveda e professor dr. Ivan Amaro, coordenadora do GESDI e coordenador do NuDES – propuseram aos palestrantes do referido seminário a produção de artigos baseados nas pesquisas apresentadas. (SEPULVEDA & AMARO, 2018, p. 13).

O livro foi lançado no IX Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (CINABEH), que ocorreu em novembro de 2018 em Fortaleza/CE. No

primeiro trimestre de 2019, o livro foi lançado no centro da cidade do Rio de Janeiro, na livraria Folhas Secas, marcando suas relações de estreitamento com espaços outros, além do científico, buscando diferentes entrelaçamentos.

Figura 2 – Cartas de Lançamento da Coletânea na Livraria Folhas

Editora CRV

e os autores da obra convidam para o lançamento do livro:

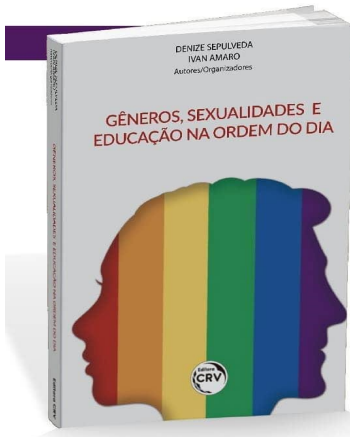
GÊNEROS, SEXUALIDADES E EDUCAÇÃO NA ORDEM DO DIA

Autores
Denize Sepulveda
Ivan Amaro

Sobre a obra:
Este livro justifica-se pela intenção de compreender como as discussões de gêneros e sexualidades no campo da educação podem produzir reflexões potentes com vistas à superação de violências, estigmas, preconceitos e discriminações instalados e reforçados nas práticas pedagógicas diversas relacionadas a tais temáticas.

26 . MARÇO . 2019
17:00 ÀS 20:00H
LIVRARIA FOLHAS SECAS
R. DO OUVIDOR, 37 - CENTRO
RIO DE JANEIRO - RJ

(41) 3039-6418



Fonte: do autor

Finalizados todos os compromissos que a primeira edição do seminário produziu, começamos a pensar na segunda edição. Como o evento é itinerante, a segunda edição deveria ocorrer em um local diferente, de modo que escolhemos a Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP – UERJ) como sede do próximo seminário. Outra diferença é que ele não seria mais interno, mas um seminário aberto a pesquisadorxs, estudantxs, militantes e ativistas interessadxs nas temáticas de gêneros, sexualidades e educação, oriundos de outros programas e universidades, outros estados brasileiros e até outros países.

Conforme o seminário foi ganhando forma, sentimos a necessidade de contar com mais mãos/braços na construção do evento. Assim, convidamos xs professorxs Jonas Alves Junior, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Dilton Ribeiro Couto Junior (UERJ) e Débora Breder, da Universidade Católica de Petrópolis (UCP).

Com a equipe de organização formada, marcamos a data da segunda edição do evento para abril de 2020, porém, em função da pandemiaⁱⁱ da Covid-19ⁱⁱⁱ e do fechamento das universidades motivadas pela quarentena^{iv} e pelo isolamento social^v, foi preciso adiar para agosto de 2021, no formato remoto/on-line.

O acontecimento: o #2º seminário internacional gêneros, sexualidades e educação na ordem do dia – interseccionalidades em (re)existências, e o #1 encontro internacional dos grupos de pesquisa em educação, gêneros e sexualidade

Michel Foucault (2010), ao propor uma diferente forma de fazer história, tece uma crítica a certa maneira de fazê-la, ao modelo que ele chama de teleológica, no qual se buscava um “telos” para os acontecimentos e esses eram descritos de forma linear. A proposta do autor para se fazer história foi chamada por ele de genealogia, segundo a qual a singularidade dos acontecimentos está onde menos se espera e não na sua origem ou no seu fim (SEPULVEDA & SEPULVEDA, 2020).

Segundo Sepulveda e Sepulveda (2020), para Foucault (2010) acontecimento é sempre único e agudo e, por isso, está invariavelmente rodeado por uma relação de forças, no acaso da vida. Ele não é gerado por uma única causa-consequência, pois sempre há uma multiplicidade de fatores, denominados por Foucault de vetores, que interagem entre si para que o acontecimento se manifeste. Não devemos considerar o acontecimento como sendo apenas os grandes feitos, nem as grandes batalhas ou as grandes revoluções, tampouco ele precisa ser desenvolvido por grandes personagens. O acontecimento está nas coisas singulares, que ocorrem no acaso, pela necessidade de estarmos vivos. Assim, ele é produzido pelas pessoas comuns, que vivem a vida de todos os dias.

Acontecimento: é preciso entendê-lo não como uma decisão, um tratado, um reino ou uma batalha, mas como uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se amplia e se envenena e uma outra que faz a sua entrada, mascarada. As forças que estão em jogo na história não obedecem nem a uma destinação nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta. Elas não se manifestam com as formas sucessivas de uma intenção primordial; tampouco têm a aparência de um resultado. Elas surgem sempre no aleatório singular do acontecimento. Diferentemente do mundo cristão, universalmente tecido pela aranha divina, diferentemente do mundo grego, dividido, entre o reino da vontade e da grande besteira cósmica, o mundo da história efetiva conhece apenas um reino, no qual não há providência nem causa final, mas somente a “mão de ferro” da necessidade que sacode o copo de dados do acaso (FOUCAULT, 2010, p. 273-274).

Assim, consideramos que o #2 Seminário Internacional Gêneros, Sexualidades e Educação na Ordem do Dia – Interseccionalidades em (Re)Existências e o #1 Encontro Internacional dos Grupos de Pesquisas em Educação, Gêneros e Sexualidades^{vi} foi um acontecimento no sentido atribuído por Foucault, pois aconteceu como uma relação de forças no enfrentamento ao momento conservador^{vii} que vivemos no Brasil^{viii}. Podemos afirmar que esse seminário foi uma tática, ao modo como descrito por Michel de Certeau (2001) e, de acordo com Michel Foucault, de resistência.

Segundo Certeau (2001, p. 47), as táticas são gestadas em “maneiras de fazer” que se constituem em:

[...] vitórias do “fraco” sobre o mais “forte” (os poderosos, a doença, a violência das coisas ou de uma ordem, etc.), pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de “caçadores”, [...] simulações polimorfas, achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos. [...] Essas táticas manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula.

Foucault (2009) não fala em tática, mas em resistência. Todavia, as ideias se assemelham. Assim, de acordo com Foucault (2009), o seminário pode ser compreendido como uma forma de resistência aos diferentes tipos de poder que se encontram presentes atualmente no Brasil, ou, melhor dizendo, como uma forma de enfrentamento a partir do desenvolvimento de estratégias às diferentes formas de poder. Assim, podemos dizer que as estratégias são formas de lutas e possuem como principal objetivo:

[...] não o de atacar esta ou aquela instituição de poder, ou grupo, ou classe ou elite, mas sim uma técnica particular, uma forma de poder. Esta forma de poder exerce-se sobre a vida quotidiana imediata, que classifica os indivíduos em categorias, os designa pela sua individualidade própria, liga-os à sua identidade, impõe-lhes uma lei de verdade que é necessário reconhecer e que os outros devem reconhecer neles. É uma forma de poder que transforma os indivíduos em sujeitos. Há dois sentidos para a palavra “sujeito”: sujeito submetido a outro pelo controle e a dependência, e sujeito ligado à sua própria identidade pela consciência ou pelo conhecimento de si. Nos dois casos a palavra sugere uma forma de poder que subjuga e submete. De uma forma geral, pode-se dizer que há três tipos de lutas: a) aquelas que se opõem às formas de dominação (étnicas, sociais e religiosas); b) aquelas que denunciam as formas de exploração que separam o indivíduo daquilo que produz; c) e aquelas que combatem tudo o que liga o indivíduo a ele mesmo e asseguram assim a submissão aos outros (lutas contra a sujeição, contra as diversas formas de subjetividade e de submissão) (FOUCAULT, 2009, p. 5).

O seminário em questão aconteceu nos dias 25, 26 e 27 de agosto de 2021. Sua programação contou com duas mesas redondas por dia, o que totalizou seis mesas no evento inteiro, todas transmitidas gratuitamente pelo canal “GESDI para Todxs”^{ix} no *YouTube*^x.

As temáticas das mesas foram: Mesa 1^{xi} – Democracia, Laicidade, Gêneros e Sexualidades, com Liliana Rodrigues, da Universidade do Porto (U.PORTO), José Antonio Sepulveda, da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Maria Luiza Sussekind, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNI-RIO); Mesa 2^{xii} – Pandemia e Pandemônio, com Dani Balbi, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Esmael Alves de Oliveira, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e Mariana Reis do Instituto Benjamin Constant; Mesa 3^{xiii} – Interseccionalidades com Jacqueline de Jesus do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) e Rosangela Malachias, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Mesa 4^{xiv} – Infâncias e Juventudes Dissidentes, com Alexsandro Rodrigues, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Anderson Ferrari, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Jane Felipe, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Mesa 5^{xv} – Mídias Sociais e as Questões de Gêneros e Sexualidades, com Paula Alves, do Instituto Femina, Rita Migliora, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNI-RIO) e Mirna Juliana Fonseca, da Pontifícia Universidade Católica (PUC), e a Mesa 6^{xvi} – Encerramento com a ativista da etnia Guarani Nhandewa Sandra Benites Guaraní, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É importante ressaltar que tivemos intérpretes de libras em todas as mesas do evento.

O seminário, que ocorreu virtualmente, através da interface *Zoom*^{xvii}, apresentou no seu primeiro dia o encontro dos grupos de pesquisa e também uma breve demonstração de pautas e temas que emergiram durante o então distanciamento social. Já no segundo e terceiro dias, minicursos e trabalhos foram apresentados.

Sobre os minicursos, foram cinco no total, sendo eles: “Masculinidades e Bichas Velhas”, desenvolvido por Leandro Teófilo (UFRJ) e Alexandre Gaspari (UERJ); “Escola Sem Partido e a Ideologia de Gênero”, ministrado pelas professoras Amanda Mendonça (OLÉ/UFF) e Fernanda Moura (OLÉ/PUC-RIO); “História de Mulheres”, apresentado pelas professoras Teresa Vitória (UERJ) e Renata Brandão (FSJT); “Discussões Conceituais: Gênero: Travesti”, lecionado por Sara Wagner York/ Sara Wagner Pimenta Gonçalves Junior (UERJ) e Rafael Leopoldo (UFOP); e o “Ciberfeminismos e Educação”, realizado por Edméa Santos (UFRRJ).

Sobre os trabalhos submetidos, foram criados 10 eixos temáticos: 1 – Gêneros, Sexualidades, Escolas e seus Cotidianos; 2 – Gêneros, Sexualidades e História das Mulheres; 3 – Gêneros, Sexualidades e Masculinidades; 4 – Gêneros, Sexualidades e Cotidianos Não Escolares; 5 – Gêneros, Sexualidades e Interseccionalidades; 6 – Gêneros, Sexualidades e Mídia; 7 – Gêneros, Sexualidades e Laicidade; 8 – Gêneros, Sexualidades e Formação de Professorxs; 9 – Gêneros, Sexualidades e Direitos Humanos; e 10 – Gêneros, Sexualidades e Currículo. Em relação às sessões de apresentação de trabalho, estas foram divididas de acordo com as temáticas dos trabalhos submetidos nos respectivos eixos. Ao todo, foram 50 trabalhos submetidos, com temas diversificados e encadeamento de muitas parcerias.

Na fala de abertura do Seminário, a Coordenadora Geral do evento, uma das autoras desse artigo, professora Denize Sepulveda, disse que sentia imensa alegria em dar início ao #2 Seminário Internacional Gêneros, Sexualidades e Educação na Ordem do Dia - Interseccionalidades em (Re)Existências e o #1 Encontro Internacional dos Grupos de Pesquisas em Educação, Gêneros e Sexualidades. Explicou que essa versão do seminário ocorreria de forma presencial em abril de 2020, mas que o distanciamento social, decretado em virtude da pandemia da Covid-19, impediu a sua realização naquele momento.

Enfatizou que a partir daquele momento passaria a falar somente no feminino, pois entendia que na área da Educação a maioria das profissionais é mulher, de modo que não fazia sentido generalizar sua fala para o masculino, produzindo números por hegemonia e revelando a falta de escuta das múltiplas vozes femininas e feministas que ali se encontravam.

A história é o que acontece, a sequência dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. Mas é também o relato que se faz de tudo isso. Os ingleses distinguem *story* e *history*. As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal. Nesse silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. Ele envolve o continente perdido das vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade. Mas é sobre elas que o silêncio pesa mais. E isso por várias razões (PERROT, 2009, p. 16).

A coordenadora do evento discorreu igualmente sobre a necessidade de relembrar que no período da pandemia todas as mulheres foram atravessadas por medos, por perdas de parentes, de amigas, que a dor do luto afetou a todas de alguma maneira. Destacou ainda a assombração de uma necropolítica^{xviii} no âmbito do governo federal, de alguns governos estaduais e municipais. No caso do Rio de Janeiro, a política de morte estava presente em todas

essas esferas. O aumento do número de morte de mulheres, e do assassinato de pessoas trans^{xix}, com requintes de crueldades, explicita ainda em 2022, ao escrevermos este texto, tal política e números.

É importantíssimo iniciar esta apresentação resgatando dados de 2020 que evidenciam que enquanto o número de assassinatos de pessoas trans aumentou em todo mundo, inclusive de forma desproporcional no Brasil, como demonstrado em nossa pesquisa publicada^{xx}, foi noticiado uma diminuição nos números de assassinatos de lésbicas, gays e bissexuais (LGB) cisgêneros mapeados pelo *Grupo Gay da Bahia* em parceria com o Acontece Arte e Política LGBTI+ e a própria *Letra Esse do México* –, responsável pelo levantamento anual sobre violência contra pessoas LGBTQIA+ naquele país. (BENEVIDES, 2022, p. 11).

Contudo, disse que esse período também foi um momento de grandes aprendizagens para todas as pessoas, principalmente para as professoras e alunas, pois foi necessário nos reinventar, transformar nossas práticas e aprender a lidar com recursos tecnológicos que, antes, não eram tão necessários, ou mesmo ignorados como bons aparatos em nossas práticas pedagógicas presenciais. Lembrou que o ensino remoto, as reuniões, os colegiados, as *lives*, os seminários e congressos passaram a fazer parte de nossas vidas em nossas casas. Portanto, muitas de nós tivemos que comprar equipamentos novos, aumentar a velocidade da internet ou ainda cabear nossas residências para diminuir as inconsistências da chegada dos sinais de internet.

A coordenadora do seminário ponderou igualmente que além de todas essas novas aprendizagens houve ainda uma rede de solidariedade nunca vista. Foram feitas rifas para que algumas alunas tivessem acesso a celulares e à internet. Informou que a Uerj forneceu *chips* de acesso à internet e *tablets* para as estudantes que necessitavam. Argumentou que diferentes estratégias foram pensadas para que as alunas tivessem acesso aos processos acadêmicos, de modo a não excluir ninguém. Lembrou que o comitê de organização do seminário, de acordo com o que disse Paulo Freire, fez-se no *aprendendoensinando*, pois percebeu que não podia mais adiar a realização do evento, e enfrentou as angústias e medos ao fazê-lo no remoto e diante de muitas críticas quanto ao modo de *ensinoaprendizagem* no on-line que se instaurava por todo país. De dezembro de 2020 a agosto de 2021 foram tecidas várias reuniões on-line para realizar a estruturação desse acontecimento. Em seguida, Sepulveda frisou que não houve apoio financeiro das agências de fomento, de forma que o seminário foi realizado pelo compromisso ético com as pessoas, com movimentos sociais LGBTIA+ e com as pesquisas desenvolvidas. Enfatizou que o seminário aconteceu como forma de tática e resistência,

aludindo Certeau e Foucault, a esses governos que insistem em silenciar as professoras e os estudos de gêneros e sexualidades.

A professora Denize Sepulveda finalizou sua fala agradecendo a todas as pessoas que se inscreveram, enviaram trabalhos, participaram dos minicursos, e informou que a terceira edição do evento ocorrerá em 2023 na UFRRJ, sob coordenação do professor Jonas Alves Junior.

Algumas considerações

Gestar o #2 Seminário Internacional Gêneros, Sexualidades e Educação na Ordem do Dia – Interseccionalidades em (Re)Existências e o #1 Encontro Internacional dos Grupos de Pesquisas em Educação, Gêneros e Sexualidades, foi um trabalho imenso de aprendizado, e reuniu centenas de acadêmicxs de diversas áreas em três dias de muitas discussões.

A companhia da Prof^a Dr^a Débora Breder (Universidade Católica de Petrópolis – UCP), do Prof. Dr. Dilton Ribeiro Couto Junior (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Uerj), do Prof. Dr. Ivan Amaro (Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – FEFB/Uerj) e da Prof^{te} Dr^e Jonas Alves Junior (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ). Essas pessoas foram cruciais na organização do seminário. Com a ajuda delas e com a participação de todxs xs nossxs bolsistas, e nossos projetos individuais de pesquisa que contam com fomento, foi possível entregar à sociedade parte dos trabalhos desenvolvidos nos espaços acadêmicos. Hoje, essas produções estão disponíveis nas plataformas virtuais, podendo ser acessadas por todas as pessoas e sociedade como um todo.

Na abertura de nossos trabalhos, a Prof^a Dr^a Ana Maria Santiago, diretora eleita da Faculdade de Formação de Professores, nos conclamou à luta ao dizer que "o amor à participação política virá pelos movimentos sociais, e o nosso movimento acadêmico é político ao demarcar nossas posições frente ao mundo".

Foram 7 mesas e 5 minicursos, totalizando mais de 30 convidadxs que gentilmente enobreceram nosso encontro, além de uma equipe grande de tradutoras e intérpretes de LIBRAS que demarcavam a cada fala a atenção às diversidades dissidentes, bem como às minorias linguísticas deste país, dentre elas a comunidade surda e de vários povos indígenas.

No terceiro dia, a mesa de encerramento, para 'estoricizar' a história, trouxe memórias outras em um exercício que se faz ato de resistência. E a estória com "e" contradiz a lógica colonialista, branca, europeia, cishetero, marcadamente misógina, racista e patriarcapacista.

A professora, mestra e doutoranda em Antropologia Social pelo Museu Nacional e liderança Guarani Sandra Benites Guarani (UFRJ) nos convocou a revisitar nosso passado enquanto povos originários, bem como a luta as várias fabulações que invocam o equívoco de um marco temporal. Ela mencionou "o olhar distorcido da escola sobre a educação de uma cultura, como a Guarani e seus 'teko'. Os teko são os modos de fazer, de ser e estar no mundo".

Jajoecha peve,
Gratidão a todxs!
Que venha o III seminário!!!

Referências

- BENEVIDES, Bruna. *Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileira em 2021*. Brasília: Distrito Drag, ANTRA, 2022.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- CORRÊA, Renan. Vai ter viado no mestrado sim, e eu nem sou pioneiro: quebrando armários no curso de licenciatura em geografia na FFP. Programa de Pós-Graduação em Educação. *Texto da Qualificação de Mestrado* – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.
- CUEVA, Agustín. *Tempos conservadores*. São Paulo: Hucitec, 1989.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia, a história. In: _____. *Ditos & escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *Dois ensaios sobre o sujeito e o poder*. [S.l.: s.n.], 2009. Disponível em: <http://filoesco.unb.br/foucault/sujeitopoder.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2012.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- NETTO, Leila Escorsim. *O conservadorismo clássico: elementos de caracterização e crítica*. São Paulo: Cortez, 2011.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2019.
- SEPULVEDA, Denize; AMARO, Ivan. A escola, outros *espaçotempos* não escolares e seus processos pedagógicos cotidianos no enfrentamento das ofensivas conservadoras: o respeito às diferenças, à diversidade sexual e às relações de gêneros. In: SEPULVEDA, Denize; AMARO, Ivan. *Gêneros, sexualidades e educação na ordem do dia*. Curitiba: CRV, 2018.

SEPULVEDA, Denize; SEPULVEDA, Yuri. O dilema das redes e a modulação dos comportamentos dos usuários: o que isso tem a ver com os processos de aprendizagem? *Revista Aleph*. Niterói, nº 26, julho 2021.

SEPULVEDA, José Antonio Miranda; SEPULVEDA, Denize. A maneira de fazer história de Michel Foucault: dialogando com a história da sexualidade 1. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*. V.6, n. 3. set – dez. 2020, Rio de Janeiro, 2020.

SEPULVEDA, José Antonio Miranda; SEPULVEDA, Denize. Conservadorismo e seus impactos no currículo escolar. *Revista Currículo Sem Fronteiras*. V. 19, n. 3, set./dez, 2019.

SEPULVEDA, José Antonio Miranda; SEPULVEDA, Denize. Conservadorismos: políticas e educação. *Revista Communitas*. V2, Edição Especial, 2018.

YORK, Sara Wagner; GONÇALVES, Junior. Sara Wagner Pimenta. Tia, você é homem? Trans da/na educação: Des(a)fiando e ocupando os "cistemas". Programa de Pós-Graduação em Educação. 190 p. *Dissertação* (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

ⁱ O uso do “X” nas palavras, do ponto de vista linguístico e gramatical, é uma forma de usar uma linguagem escrita que expresse maior igualdade entre homens e mulheres. A língua portuguesa determina que o plural dos substantivos use o gênero no masculino, de modo que essa generalização do plural é considerada sexista e machista por certos grupos e indivíduos, resultando assim em propostas por um gênero plural não sexista a ser adotado em português. O uso do “X” é uma tentativa de, no âmbito da escrita, tornar a língua mais democrática. Segundo PERROT (2019, p. 21), a linguagem, a gramática, contribui para o apagamento das mulheres na história, pois quando “há a mistura de gêneros, usa-se no masculino o plural: eles as dissimulam. Se, por um lado, existem grupos de pessoas reclamando da inclusão do uso do “x” como marcador de ausência/abnegação de gênero nas palavras, por outro, temos leitores mecânicos para cegos que não acessavam tais palavras. O “x” não é apenas uma forma de adaptação morfema-grafema, o X é a negação da genitalização dos sujeitos e das palavras. Um resgate histórico pelo direito a não sexuação dos seres, como fora negado às pessoas intersexos ao longo da história. Logo, se existe uma incapacidade do leitor em ler essas agonísticas (POCAHY, 2018) no campo estético e político, o que deve ser melhorado é a tecnologia que permite a leitura e não a luta de um determinado grupo em detrimento a outro. O “x”, enquanto quiasmo, refere-se ao encontro apical de duas retas que eclodem criando sentidos a outras formas negadas de uma desinência de gênero e suas compreensões. Dizer que um grupo não consegue lê-lo, é o mesmo que diminuir a luta de um grupo, uma vez que o problema seria do leitor de textos, e não do coletivo (YORK, 2020).

ⁱⁱ Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), pandemia é o alastramento mundial de uma nova doença, e o termo passa a ser usado quando uma epidemia, surto que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa. (CORREIA, 2022).

ⁱⁱⁱ Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente, os coronavírus que infectam animais podem infectar pessoas, como exemplo do MERS-CoV e SARS-CoV. Recentemente, em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan, na China, e causou a COVID-19, sendo em seguida disseminado e transmitido de pessoa a pessoa. A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta em espectro clínico infecções que variam de assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório (mais informações, consultar referências bibliográficas). (SEPULVEDA & SEPULVEDA, 2021).

^{iv} Em questões de saúde pública, o termo quarentena é utilizado para definir o isolamento de certas pessoas, lugares e animais que podem acarretar perigo de infecção. O período de quarentena é relativo e depende do tempo necessário para proteção contra a propagação de uma determinada doença. Isso significa que o tempo de

quarentena pode variar e nem sempre compreende o período de 40 dias, podendo ser menor ou maior, de acordo com o período de incubação de uma doença. Se a pessoa esteve em contato com alguém que tem o vírus deve ficar em quarentena aguardando para ver se tem sintomas. (mais informações, consultar referências bibliográficas) (SEPULVEDA & SEPULVEDA, 2021).

^v O termo isolamento social é utilizado para definir o estado de uma coisa ou uma pessoa isolada, privada do contato social. Também pode referir-se a um local, um edifício ou parte deste que é destinada à segregação e ao tratamento de pacientes com doenças contagiosas (mais informações, consultar referências bibliográficas) (SEPULVEDA & SEPULVEDA, 2021), o termo recorrentemente usado passou a ser distanciamento social, uma vez que a ideia era a manutenção de distanciamento geográfico/espacial.

^{vi} Site do evento: <https://seminariogesedu.wixsite.com/segundaedicao>.

^{vii} O conservadorismo é uma categoria histórica, ou seja, deriva de processos cujos resultados são diferenciados, ao longo do tempo. O entendemos como algo estabelecido a partir de uma cultura conservadora, resultado da regularidade de argumentos empregados em situações análogas entre si por diversos agentes históricos. Dessa forma, não é possível se pensar em conservadorismo como uma categoria estática, tanto sociológica quanto antropologicamente. Ou seja, a história é marcada por disputas, em especial por aquilo que se vinculou chamar de luta de classes. Na disputa por poder que ocorre no campo da cultura, o conservadorismo é um importante elemento na construção dos interesses de classe e da própria consciência de classe. Em tal processo, não estão em disputa somente as condições materiais de sobrevivência, o estão também as condições simbólicas, compostas por diversas argumentações, de diferentes naturezas (SEPULVEDA & SEPULVEDA, 2019).

^{viii} Estamos vivendo “tempos conservadores”. Expressão usada por Cueva (1980) para analisar o último quartel do século XX, que pegamos emprestado para ponderar o enrijecimento dos discursos conservadores no Brasil a partir da segunda década do século XXI. Nestes tempos alguns grupos sociais são vítimas do ódio e do preconceito. No Brasil, desde o processo pré-eleitoral que culminou com a eleição de Dilma Rousseff para seu segundo mandato à presidência da República, percebemos que uma parte da sociedade brasileira rumou para a direita, na qual “o pensamento conservador ganhou um fôlego aparentemente assombroso.” (NETTO, 2011, p. 16). Foi exatamente devido à crise política que vivemos no Brasil, desde o final do primeiro mandato presidencial de Dilma Rousseff, que assistimos ao crescimento dos pensamentos conservadores, o que se intensificou durante a pré-campanha presidencial de 2018. O candidato que ganhou o pleito eleitoral alimentou um discurso contra as conquistas sociais feitas por grupos minoritários que ocorreram nas primeiras décadas do século XX, principalmente aquelas que se referem a direitos sexuais e reprodutivos, colocando as questões de gêneros e sexualidades no centro do foco dos conservadores (SEPULVEDA & SEPULVEDA, 2018).

^{ix} <https://www.youtube.com/c/GESDIparaTodxs>

^x Plataforma de compartilhamento de vídeos.

^{xi} <https://www.youtube.com/watch?v=1flhtlgFomQ&t=18s>

^{xii} <https://www.youtube.com/watch?v=7HpmHHadXiE&t=1328s>

^{xiii} <https://www.youtube.com/watch?v=HO4EJleXcuI>

^{xiv} <https://www.youtube.com/watch?v=C9xyu-a3Fpc>

^{xv} <https://www.youtube.com/watch?v=zWdv-LWKhnE&t=1s>

^{xvi} <https://www.youtube.com/watch?v=7GhC8dpAI0w&t=17s>

^{xvii} É um programa (software) para computadores e/ou aplicativo para celulares que fornece um serviço de conferência remota "Zoom" que combina videoconferência, reuniões online, bate-papo e colaboração móvel.

^{xviii} O conceito necropolítica foi desenvolvido por Achille Mbembe. O autor se inspirou em Michel Foucault para construir tal significado, pois defendia que a teoria do filósofo francês não se fazia suficiente para compreender o contexto atual. Como pesquisador da escravidão, da descolonização e da negritude, explanou que as noções de discurso e de poder de Foucault estão relacionadas a um racismo de Estado fortemente presente nas sociedades atuais, que fortalece políticas de morte (necropolítica). Para ele, a necropolítica é o poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Utilizando a concepção de biopoder de Foucault, que enfatiza que as tecnologias tem o poder de controlar as populações, vai além e caracteriza que o “deixar morrer” se torna aceitável, mas não para todos os corpos. O corpo que deve morrer é aquele que está em risco de morte a todo momento e o marcador principal é a raça.

^{xix} Segundo Benevides (2022) pessoas trans são as identidades políticas compostas por Travestis, Mulheres Transexuais, Homens Trans, Transmasculines e demais pessoas trans.

^{xx} Dossiê dos Assassinatos e da violência contra pessoas trans brasileiras em 2020. (BENEVIDES e NOGUEIRAS, 2021). Disponível em: www.antrabrazil.org/assassinatos.